



**NAS LINHAS DOS JORNAIS: DISCURSOS E
MORALIDADES**

Loiva Canova¹¹⁹

E-mail: canovaloiva@gmail.com

Jhuan Cláudio Matos de Oliveira¹²⁰

E-mail: jhuan.oliveira@gmail.com

RESUMO: Neste artigo são problematizados os discursos de agentes disciplinares publicados em periódicos que circulavam na cidade de Cuiabá na época da Primeira República. O conteúdo das publicações contém dados relevantes que tornam possível compreender um pouco do pensamento moralizante do contexto social cuiabano. Discutiam-se valores e condutas de ordem moral amplamente divulgados pelos redatores na época, cuja intenção era corrigir determinados comportamentos de sujeitos considerados transgressores das novas regras de sociabilidade e de urbanidade ajustadas aos tempos da República.

Palavras-chave: Cuiabá/discurso/moralidades.

ABSTRACT: This article investigates some discourses of disciplinary agents that were published in newspapers of Cuiabá city, Brazil, in the period of First Republic (1889-1930). The content of the publications shows relevant data, which make possible to understand some moral thoughts

119 Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Doutora em História, professora no Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), coordenadora da pesquisa “A face marginal da paisagem cuiabana na Primeira República”.

120 Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Discente do curso de graduação, Licenciatura em História, UFMT, e bolsista PIBIC, integra o grupo de pesquisa.

insertion in the Cuiabá city social context. Values and moral conducts were often discussed in the periodic pages, as the writers' intention was to correct some common behaviours of citizens which were seen like offenders of the urban and social new rules imposed by Republic.

Keywords: Cuiabá city/discourse/morals.

INTRODUÇÃO

O conteúdo dos periódicos que circulavam na cidade de Cuiabá no período da Primeira República com frequência continham regras de conduta que serviam como diretriz à população da capital do estado de Mato Grosso. Os assuntos versados pelos escritores na função de agentes disciplinares tratam sobre os ideais de uma sociedade que deveria ter uma vida condizente à moral cristã, ser ordeira e, sobretudo, agir de forma civilizada.

Mas o que seria, dentro dos padrões da época, ser “civilizado”?

O termo “civilização” ganhou maior espaço na história a partir das concepções da filosofia das luzes, em meados do século XVIII, quando estavam em evidência as discussões sobre “cultura e civilização, progresso e liberdade, educação e liberdade”. Esses novos paradigmas foram ampliados para além dos Setecentos e formaram um legado expressivo para os ocidentais, sobretudo nas discussões que sobrelevam a razão. Civilização é um ideal, algo como uma variável no tempo, “tendo como seu substrato a noção de progresso”. Civilização significa um valor a ser seguido, “uma espécie de qualidade que faz ou deve fazer parte da própria maneira de ser do homem em sociedade”. É uma forma de observar as distintas organizações humanas, especialmente quando é entendida como uma “arqueologia humana, na qual as diferenças apenas demonstram o caminho ao longo do qual os homens progridem, do selvagismo à civilização”. O conceito de civilização também remete à possibilidade de civilizar, do plano dos costumes e da educação. O termo progresso remete à “tomada de consciência capaz de perceber o movimento e a diferença, assim como o sentido de mudanças que têm no homem o seu sujeito”.¹²¹

Aqueles redatores que prestavam esse tipo de papel social, versando sobre as regras de um viver civilizado, amparavam-se na legitimidade

121 FALCON, Francisco José Calazans. **Iluminismo**. São Paulo: Ática, 2004, p. 42 e 61.

dos ideais históricos propagados pela Igreja católica. Segundo ensinamentos de Michel Foucault (1987), o poder que vigia e pune ganha legitimidade por meio da vontade de verdade e é assegurado pelas instituições, sejam elas estatais ou religiosas. Nesse caso, observa-se que a Igreja católica, desde seus primeiros séculos de existência, especialmente no medievalismo europeu, foi um dos poderes que mais se fez presente na história da humanidade. Manteve-se como forte instituição sagrada e educacional no comando da conquista dos povos ameríndios nas terras da América, além de exercer liderança política em diferentes tempos e em diversas partes mundo conhecido.

Do mesmo modo, o poder e a vigilância, métodos da difusão da voz da verdade, encontram-se nos meios de produção, informação, conhecimento e divulgação no período Republicano, pontualmente no contexto cuiabano, sob a presença marcante e influente em discursos e em ações de seus seguidores.

Sibele de Moraes e Sérgio Ribeiro dos Santos relatam que foi na transição do século XIX para o XX que ocorreu em Cuiabá a mudança do panorama religioso a partir do bispado de D. Luiz Carlos D'Amour, líder da Igreja católica em Mato Grosso durante quase meio século.¹²² Conforme mencionado pelos autores, o bispado de D. Luiz Carlos D'Amour foi marcado por uma religiosidade secularizada e popular, com características de práticas conservadoras e ultramontanas. Em seu bispado, Luiz Carlos D'Amour empenhou-se em apresentar “novos valores à sociedade mato-grossense e, em contrapartida, à rigidez dos dogmas apregoados pela Igreja Católica neste momento de transição, no Brasil”.¹²³

Foi durante essa administração que a instituição estendeu suas ações: concluiu a construção do Seminário Episcopal da Conceição, fundou o Asilo Santa Rita e estimulou a vinda para o Mato Grosso de missionários das congregações dos Lázaros, dos Franciscanos e dos Salesianos. Contudo, a ação tomada durante o período de bispado de D. Luiz Carlos D'Amour mais importante para este texto, devido à problemática proposta à discussão, foi a fundação do *Jornal A Cruz*, Órgão da Liga Social Católica

122 Sobre essa informação, ler: SANTOS, Sérgio Ribeiro. **A inserção do protestantismo em Cuiabá na Primeira República**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2010. p. 73.

123 MORAES, Sibele. **O episcopado de D. Luiz D'Amour (1878-1921)**. 2003. 141 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2003. p. 30.

Brasileira, que teve por missão a defesa dos ensinamentos cristãos.

O jornal católico *A Cruz*, fundado em 1910, tinha por objetivo propagar exemplos de boa índole à sociedade. Segundo o bispo D. Luiz Carlos D'Amour, incentivador das hostilidades ao catolicismo popular, o periódico vinha para combater os costumes locais e melhorar comportamentos sociais e morais da população cuiabana, analisando-os com olhares de um lugar marcado pelo atraso, pela falta de civilidade e pela ausência de uma fé pragmática.

É com essa perspectiva de análise que se lê sobre a função social e política do jornal:

Tendo em vista o grandioso fim que se propõe o periódico *A Cruz*, órgão da “Liga Social Catholica Brasileira”, que installou-se nesta Capital em 3 de Abril ultimo, e de accordo com o seu programma, qual é fazer todo o bem possível á causa catholica, sempre dentro dos limites da equidade e da justiça; de todo o coração o abençoamos. E aos membros da Direcção do referido periódico *A Cruz* e a todos os fieis que em seu favor de qualquer modo cooperarem, ou nella se inscreverem, *concedemos quarenta dias de Indulgencias* (*A Cruz*, 15 maio 1910, p. 1, grifo nosso).¹²⁴

Os ideais propagados pelo jornal divulgavam os princípios seculares do cristianismo e, “nesse sentido, para o bispo, D. Carlos, o desenvolvimento local obrigatoriamente passaria pela romanização da religião e pelo amoldamento dos costumes à tradição ultramontana”.¹²⁵ Em suas publicações, os jornais, que eram os porta-vozes das ideias ultramontanas, pretendiam ser a orientação segura às famílias cuiabanas, e, em alguns casos, como será visto no decorrer do texto, combatiam fervorosamente os que poderiam macular a “verdade cristã”.

124 O Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), disponibiliza um catálogo dos jornais recentemente publicado para pesquisa. Ver: MORGADO, Eliane Maria Oliveira (Org.). **Catálogo de jornais, revistas e boletins de Mato Grosso (1847-1985)**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

125 SANTOS, *op. cit.*, p. 74.

[...] A Cruz synthetiza toda uma historia, a do christianismo; indica um programma de presente; prophetiza uma Victoria de futuro. Sem outras preoccupações, a não ser os interesses catholicos, visa entrar nas famílias de nossa sociedade, levando uma palavra franca que poderá ser lida pelos grandes e pequenos, pelos doutos e ignorantes, revestida sempre de modéstia e sinceridade, esclarecendo idéas, ensinando princípios vinte vezes seculares e inabaláveis, cujas victorias se enumeram pelos combates dos ímpios adversários. E necessitamos, na verdade, de um órgão catholico, e fracamente catholico! (A Cruz, 15 maio 1910, p. 1).

Em artigo recente sobre a historicidade do jornal *A Cruz*, Otávio Canavarros define o periódico como um instrumento que “procurava fazer a política católica no contexto mato-grossense da Primeira República. Tinha enfoque cultural e preocupação catequética, doutrinária, procurando travar embates de ideias e valores, evitando as configurações personalísticas e partidárias”.¹²⁶

Contudo, conforme constatado pela leitura dos periódicos, apesar de o Jornal *A Cruz* não assumir uma posição partidária definida, havia confronto de ideias, especialmente sobre os assuntos que desmereciam a prática cristã e seus dogmas. Opiniões publicadas pelos liberais no jornal *A Reacção* foram argumentos duramente defendidos pelos agentes de oposição do microcosmo político de *A Cruz*, que também tinha como principal linha de força uma forte posição contrária às práticas espíritas. O confronto é objetivo e agressivo, sobretudo, além de significativo e interessante às problemáticas de analistas de discursos. Sob uma perspectiva, as vozes dos defensores dos princípios cristãos, críticos contumazes dos princípios liberais e das práticas espíritas, e sob outra, o ataque contundente aos princípios católicos conservadores, adotado pelos liberais.

Os assuntos redigidos no jornal *A Cruz* não tratavam apenas do anticlericalismo, mas sim de um conjunto de práticas e ideias vistas como

126 CANAVARROS, Otávio. **Leitura na imprensa cuiabana: o caso de “A Cruz” (1910-1940)**, p. 1. 5º Seminário sobre mídia e imprensa. Cuiabá: UFMT. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss16_05.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

promotoras de problemas de ordem social e moral. Socialmente, *A Cruz* atendia às novas atitudes do viver civilizado, baseado nos princípios da ordem e do progresso, combatendo tanto as antigas como as mais recentes práticas religiosas. Nos textos publicados havia uma moralidade ajustada às novas regras de urbanidade e sociabilidade, cuja expressão mais acabada foi os assuntos sobre a ordem moral, o valor supremo da família, o cidadão fiel e virtuoso, sem os combatidos arroubos das paixões, dos instintos, da irrupção das sensibilidades, vistos como as causas do desabrochar da imoralidade. É do que trata parte da matéria intitulada “limpeza das ruas”:

É da limpeza moral que nos ocupamos. E parece que deixa muito a desejar em certos pontos da cidade. Eis, para proval-o, o que nos escrevem do Porto (segundo districto). Sr. Recdator, “Como muitos meus vizinhos, fico aborrecido por presenciar as façanhas de alguns rapazes sem educação nem comportamento, que andam por aqui a fazer anarchia. Ainda ha poucos dias um desses malcriados que todos conhecem, poz remate a sua malvadez collocando uma imagem de S. Antonio sobre uma pedra na Commandante Balduino, e convidando os seus companheiros a pandega a quebral-a, tendo sido a mesma reduzida a pó por muitas pedradas, momentos após, debaixo de uma gritaria infernal. Não é a primeira vez que se dão factos identicos a este na mesma rua, onde esses rapazes se reúnem as mais das vezes em alta hora da noite, desrespeitando as famílias com gritaria de quantas palavras obscenas sabem. (*A Cruz*, 17 dez. 1911, p. 1).

Naquele período, dos anos que antecedem a República, a capital recebe gente de diferentes crenças religiosas. Além dos imigrantes, que chegavam à capital com outros referenciais de cultura, muitas vezes adversos aos mensageiros da fé cristã, estavam na cidade os antigos moradores e seus descendentes, que nos encontros e desencontros tornavam as relações de sociabilidade um confronto às ações da Igreja católica. Essa gente fazia acumular interesses e demandas do incansável jogo dos conservadores católicos em atribuir as problemáticas de Cuiabá a esses sujeitos, por não

servirem como bons exemplares dos ensinamentos das suas moralidades, conforme rezava o ultramontanismo romano.¹²⁷

Essa parece ser a dinâmica da cidade contemporânea à Primeira República, de um patrimônio de arquitetura colonial setecentista, também fez ocasião para a divulgação de ideias fundamentadas nos princípios da eugenia, discutidas, sobretudo, em decorrência da mistura das “raças”. Os africanos, sobreviventes da escravidão oitocentista, e seus descendentes, bem como os povos indígenas, habitantes milenares das terras mato-grossenses, foram alvo da política segregacionista e punitiva por terem sido considerados indivíduos de raças inferiores, daí dizer, os degenerados sociais. A discussão foi feita especialmente por meio dos intelectuais da redação, como também pela publicação de obras locais¹²⁸ que atendiam em parte ao discurso presente da ordem e do progresso, lemas da nação republicana brasileira que não deixaram de ser importados para os jornais da cidade de Cuiabá, como visto anteriormente (MARQUES, 1994).

As discussões políticas ocorreram especialmente nos anos iniciais da fundação do jornal. Os confrontos acirrados vinham inclusive em defesa de seu campo de ideais e de propostas à sociedade. Neste fragmento em particular, há que se notar a preocupação dos defensores dos princípios cristãos:

Calumnias obscenas dirigidas contra o catholicismo, espalham-se na nossa sociedade, e nunca se levanta uma voz franca, destemida, a desmentil-as. Doutrinas heterodoxas atacam os nossos princípios religiosos, catholicos por convicção e por tradição, ameaçando de asphyxia

127 Para maiores informações sobre a cidade de Cuiabá, ler: PINHO, Rachel de. **Cidade e loucura**. Cuiabá: EdUFMT, 2007; MACIEL, Laura Antunes. **A capital de Mato Grosso**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992; VOLPATO, Luíza Rios Ricci. **Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888**. São Paulo: UnB, 1993; MACHADO FILHO, Oswaldo. **Ilegalismos e jogos de poder: um crime célebre em Cuiabá (1872), suas verdades jurídicas e outras histórias policiais**. Cuiabá: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006; BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A catedral e a cidade: uma abordagem da educação como prática social**. Cuiabá: EdUFMT, 1997; FREIRE, Júlio De Lamônica. **Por uma poética popular da arquitetura**. Cuiabá, EdUFMT, 1997.

128 Sobre esse assunto, ver: MESQUITA, José Barnabé de. **Gente e coisas de antanho**. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978. (Coleção Cadernos Cuiabanos, 4); RODRIGUES, Firmo. **Figuras e coisas de nossa terra**. Cuiabá: [s.n.], 1959.

moral o nosso povo, e nós somos impotentes a defender o que possuímos de mais bello e precioso: a nossa fé; unicamente porque não temos um órgão devemos culpavelmente tolerar que o mal se produza, se avolume, se espalhe. (*A Cruz*, 15 maio 1910, p. 1).

Para os redatores de *A Cruz*, aceitar a mensagem política de outros periódicos, maiormente, o *Jornal A Reacção*, de ideologia liberal, era uma transgressão grave contra o programa da religião que seguiam. O *jornal A Cruz* significava um dos alicerces da fé e da verdade.

O imperioso dever a que estamos sujeitos pelo programma que traçamos como linha da nossa conducta, em face dos ataques que vem sendo feitos pela irascível *A Reacção* contra a divindade e verdade da Religião que seguimos, nos arrasta á arena da imprensa, para rebater as suas séttas empregnadas do veneno da descrença. (*A Cruz*, 15 ago. 1910, p. 1).

Os católicos construíram seus discursos em defesa das críticas dos liberais a respeito das posições políticas assumidas no *jornal A Cruz*. A discussão a respeito das práticas espíritas era afiada. Os jornais apresentam, com recorrência, construções discursivas que definem a prática do espiritismo como sinônimo de loucura, charlatanismo, coisa de gente fraca de pensamento.

É sintomática a defesa do monopólio da fé exercida pelos redatores de *A Cruz* quando do confronto com os adeptos da nova doutrina cristã, de base reencarnacionista e evolucionista, que se fez presente enquanto instituição em Cuiabá, no ano de 1911. Para exemplificar o debate político do *Jornal A Cruz* no contexto da inserção dessa mais recente prática religiosa, lê-se a seguinte informação na matéria “O Espiritismo”:

O espiritismo ainda não fez o giro do mundo todo: em muitos logares é ainda uma novidade, uma moda. Quando esta passar elle tambem

sumir-se-há, para reaparecer mais tarde, disfarçado sob outra forma. Nos logares por onde passa, o espiritismo tem deixado uma triste ideia de si, e nenhuma saudade. Movido pela curiosidade que herdamos de nossa primeira mãe, cada um quer experimentar por si mesmo, colher o fructo e comer, para ver si, na realidade, produz morte ou não. A curiosidade, como toda a paixão, não raciocina, não reflecte. [...] Os impostores, pois, os charlatães apoderam-se dos movimentos geraes para dirigil-os a seus fins. Elles tambem fazem e vendem o espiritismo, enchendo seu bolso a custa dos crédulos e iludidos. [...] Outros, por motivos, as vezes indignos, inconfessáveis, se filiam ao espiritismo. N'uma palavra: as humanas paixões lisongeadas, eis o segredo da voga do espiritismo. (A Cruz, 1 jun. 1910, p. 1).

Em outro artigo publicado no periódico, com o título “O espiritismo: suas causas e efeitos II: origem e phenomenos do espiritismo”, foi narrada a presença da doutrina espírita nos Estados Unidos da América em meados dos Oitocentos, em uma cidade próxima a Nova York. Uma informação interessante publicada nesse artigo é que o Brasil teria de lá importado o saber que moveu as relações entre os vivos e o mundo dos espíritos. Mais uma das ideias e ações que atravessaram fronteiras de distantes lugares com o fito de trazer mais devotos à fé no mundo do sobrenatural. Há também relatos das manifestações transcendentais explicando as apreensões dos espíritos mensageiros com os médiuns, pessoas capazes de intermediar comunicações entre o mundo terreno e o dos espíritos.

O moderno Espiritismo é uma importação norte-americana. Foi no mez de março de 1849 que n'um logar de nome Hydesville, perto de Nova-York, na casa da família protestante Fox, se ouviram umas pancadas na parede e depois uma voz que contava os algarismos de um até nove; logo depois ouviram-se umas como gargalhadas no ar, e outros sons extranhos sem nunca poder-se descobrir a causa provável d'elles. Per-

gutando-se, ouviam-se vozes, respostas. Os visinhos no principio ficaram como escandalizados julgando a família Fox ter commercio diabólico. Pois sabiam pela Biblia que taes relações são illicitas e prohibidas por Deus. Mas d'alli a pouco os mesmos factos se deram em outras casas. A curiosidade venceu o respeito á Biblia e logo este commercio com seres invisíveis propagou-se a maneira de epidemia. Em pouco tempo houve homens e mulheres que entretinham relações com os espíritos e chamavam-se com o nome de *Mediums*. (A Cruz, 15 jun. 1910).

Mais relatos sobre o surgimento do espiritismo e suas manifestações são mencionados com frequência nas matérias publicadas em A Cruz, e com eles estão postos aquelas que remetem à circulação dessas experiências, dos Estados Unidos da América para a Europa:

As vezes viam-se objectos, utensilios da casa moverem-se, levantar-se, e ficar suspensos no ar, transportar-se de um logar para outro, passar portas fechadas. Ouviam-se instrumentos musicaes tocados por mão invisível. Ouviam-se melodias e vozes de pássaros etc. etc. Da America passou para a Europa, onde se deram os mesmos phenomenos: mezas que moviam, fallavam e correspondiam com os presentes por meio de signaes convencionaes pennas collocadas sobre um papel levantar-se automaticamente, e fazer desenhos, escrever palavras e sentenças inteiras a vontade dos circunstantes. Quasi todos estes phenomenos exigem a presença de um *médium* [...], recebem o Espirito n'elles contidos. Tambem em publico Theatro dão-se sessões espiritistas, recebem-se cartas de além tumulo, que se mostram aos espectadores; mandam-se vir flores naturaes do outro mundo e se distribuem entre os assistentes. Quando há *Mediums* dotados, como elles dizem, de forças e qualidades superiores, póde-se tambem effectuar a

materialização dos Espíritos, e outras cousas maravilhosas. (*A Cruz*, 15 jun. 1910, p. 6).

Na capital mato-grossense, as discussões sobre o espiritismo contribuíam tanto para uma análise da prática quanto das questões de responsabilidade do poder público. O Estado deveria tomar para si aquilo que punha em desordem o desequilíbrio da mente. O Estado e a Igreja, por meio dos conteúdos publicados no periódico *A Cruz*, tentavam prevenir comportamentos inadequados à sociedade, e em particular ao equilíbrio psicológico do indivíduo. Lido até aqui que o Estado e a religião católica, mais à frente que a família e que o sistema educativo, por exemplo, contribuem para a higiene mental e parecem ser os componentes influenciáveis nos condicionantes comportamentais do bom cidadão. Esse é o assunto tratado no artigo “o espiritismo entre nós”.

Venho pelo intermédio do vosso conceituado jornal “*A Cruz*”, levar ao conhecimento publico cuiabano um facto occorrido a 13 do mez fluyente, nesta capital, que provara irrefutavelmente que perigo correm os que se deixam seduzir pelas doutrinas espíritas. A Sr. A. foi convidada por uma família amiga para assistir a uma sessão espírita, no dia cima referido, no Centro da rua 7 de Setembro. Lá foi... Ficou logo incomodada, zunidos nos ouvidos, escurecimento de vista, cahindo em seguida desmaiada com fortes convulsões nervosas... Ficou nesse estado até o dia seguinte, assistindo-a médicos curandeiros espíritas bem conhecidos, em o nosso meio, contentando-se estes em declarar que a Sra. A., tinha 4 espíritos no corpo!!! A doente recuperou os sentidos quando finalmente lançou-se mão aos remédios da botica: senapismos, etc. Imagine V.S. em que estado de fraqueza achava-se a Sra. A. Relatando este facto o meu fim é avisar aos incautos que a curiosidade leva ao tal Centro; e para que os poderes públicos fiquem sabendo os attentados á hygiene mental que por aqui se praticam. E’ pena ser letra morta o artigo 157 do Codigo Penal que pune taes actos com pri-

são cellular de um a seis mezes, e a multa de 200 a 500 mil réis. (A Cruz, 15 jun. 1910, p. 6).

Ainda no mesmo jornal, há argumentos que tratam das “causas e efeitos” do espiritismo, no sentido de alertar a sociedade acerca das consequências de tais práticas:

O Sr. de O. C. na Villa do R... tinha um amigo, secretario da Camara Municipal, que a miúdo dava sessões espiritistas, já como evocador, já como médium. Por suggestão deste quis o primeiro tambem, por simples curiosidade, e não por mau fim, fazer as mesmas experiências, evocar os espíritos. Mas elle em sua casa deixava de multiplicar as experiências. [...] Seis destes casos deram-se na mesma localidade, homens ricos, felizes, paes de família, tornados loucos pela pratica do Espiritismo em menos de 2 annos. N’uma cidade respeitável conheci um moço intelligente, amável, dedicado, que, depois do fallecimento do pae, era o sustento da família. Era elle empregado publico. Nas horas vagas em vez de occupar-se em cousas uteis, deu-se as experiências do Espiritismo. Perdeu toda a religião, de que tornou-se até mofador. Um bello dia na presença dos seus amigos levantou-se da cadeira e principou a dar cabeçadas á direita e á esquerda, assim como faria um bode, e afinal atirou-se pela porta fora, lastimando todos a sorte da pobre victima do Espiritismo. No norte um moço intelligente e de boa família, tambem dado ao espiritismo, persuadiu-se que estava desencarnado, isto é, morto e pedia a todos encarecidamente para que o enterrassem; e como ninguém lhe fizesse esta vontade, queixava-se elle amargamente e chorava, atirado n’um canto de casa, repetindo estas palavras: Eu estou morto e ninguém me quer enterrar, e assim teria morrido devéras, se um medico prudente e piedoso não tivesse a Idea de dar-lhe

razão e defendel-o contra todos, afirmando que elle realmente estava morto e que havia de por força ser sepultado. Fez-se pois tudo o que era preciso para a realização d'esta cerimonia tão conforme com os desejos do pobre maníaco espiritistas, o qual com effeito só depois de enterrado recuperou a saúde e as facultade perdidas. (A Cruz, 15 jul. 1910, p. 2).

A fim de retomar e inserir outras temáticas à discussão, é importante mencionar que os jornais não excluem distintos assuntos no campo da ordem moral. São vários os argumentos que, somados, dão sentido à temática. Nas diversas matérias publicadas, revelam-se discursos que versam sobre a conduta dos católicos, ou assuntos que vinham impor a disciplina a respeito das premissas e das ações que moviam a fé. Observam-se, por exemplo, textos sobre a ausência dos cristãos nas missas, o atraso do pagamento dos dízimos, os ritos sacramentais, a beneficência aos pobres e convalescidos, as críticas aos reprodutores da “fofoca”...¹²⁹

Com o fim de atender os convalescidos do hospital São João dos Lázaros, um jornalista narra as ações conjuntas que manifestaram interesses em zelar pelos internos do leprosário cuiabano. Na matéria “A tradicional Romaria a São João dos Lázaros”, há o enredo da mobilização das gentes a fim de cuidar dos internos do hospital:

A companhia de São Luiz de Gonzaga realizou como de praxe, a sua esplendida e muito concorrida romaria a esse estabelecimento de dor. As 6 horas da manhã do dia 24 de junho p.p. sahiram do Lyceu os socios da companhia precedidos pela excellente banda de musica desse Instituto e pela bandeira social. As 7 horas e minutos chegava a piedosa Romaria ao estabelecimento, cavalheirosamente recebida pelos distincto empregado dessa casa, Sr. Austriclinio de Arruda. As 7 ½ horas o Reverendíssimo Snr. Padre Sidrac Vallarino celebrou a S. Missa, que foi ouvida com todo respeito pela multidão e

129 Sobre o assunto além dos jornais, ler: MOUTINHO, Joaquim Ferreira. **Notícias sobre a Província de Mato Grosso**. São Paulo: Typ. Henrique Schoeder, 1869.

administrou a S. Communhão ao Lazaros, que devidamente estavam preparados pelo Revmo, Snr. Padre Director da Companhia, o qual estando presente depois da Santa Missa, dirigiu-lhes breve pratica, animando os pobres Lazaros a perseverarem na conformidade com a vontade de Deus, e que a não se julgarem infelizes, pois que também o pobre Lazaro de que fala o Santo Evangelho, soffreu e morreu, nas sua alma foi vista gloriosa nos braços de Abraham pelo mau rico sepultado no inferno. A applicação dèsta parabola do Divino Redemptor muito consolou os pobre enfermos e também o povo, que devotamente assistia. Em seguida forma distribuidos igualmente por todos o dinheiro e os generous alimenticios para lá transportados em uma carroça. A distincta banda de música tocou varias peças do seu vasto repertorio. A volta de effectuou com a mesma ordem da sahida, chegando à capital às 10 horas da manhã todos satisfeitos de terem levado aos pobres Lazaros obulo da verdadeira fraternidade cristã. (A Cruz, 9 jul. 1911, p. 5).

Repetidas vezes, o jornal tratava dos afazeres dos fiéis cristãos, dos comunicados alertando dos sacramentos, das missas e orações, das procissões pelas ruas da cidade movidas pela fé em Cristo e das festas de outros santos. Momentos em que na cidade se configurava as possibilidades dos encontros da fé, das sociabilidades nas relações em prol dos olhares atentos aos ritos sacros.

Sobre os assuntos da moralidade cristã, foi publicado em *A Cruz* um artigo intitulado “O que devemos a nossas filhas?”, com ensinamentos e dicas às fiéis sobre a arte de ser boa esposa e dona de casa. Com o discurso centralizado principalmente na reputação, o conteúdo da matéria tem o propósito de analisar e dar pareceres sobre os refinos das regras da sociabilidade feminina:

Dae-lhes uma instrucção elementar. Ensinae-as a preparar alimentos substanciosos, a lavar, a

engommar, remendar meias e a fazer sua própria roupa. Ensinae-as a fazer pão e explicae-lhes que uma moça piedosa e trabalhadeira, vale muito mais que a bailarina e janeilheira. Convencei-as, no tempo próprio de que é melhor um operário honrado, sem fortuna e com sua roupa e burril, do que o elegante e nobre caloteiro. Fazei as trabalhar no quintal e conhecer os segredos da natureza. Se puderdes comportar as despesas, deixae-as aprender musica, pintura e outras bellas artes, porém de menor importância: Ensinae-lhes que um passeio a pé é muito mais saudável do que de carro, e que as flores do campo e da floresta tem seus encantos para não serem desprezadas. Ensinae-as desconfiar das apparencias e bem cumprir suas palavras e promessas. Convencei-as de que a felicidade no matrimonio não depende de luxo, nem de fortuna porém do respeito e da confiança que os esposos devem ter um para com o outro; pois isso envolve o prazer e o contentamento do lar. (A Cruz, 15 fev. 1911, p. 4).

A figura da mulher, conforme o pensamento filosófico iluminista, tanto nesse período quanto em anteriores, é de alguém que tem natureza específica, cujas funções cognitivas são alteradas pelas influências hormonais, pela “fraqueza” de sua condição física. Às mulheres cabe o papel da observação, e não do raciocínio, e são vistas como inferiores em relação à condição intelectual do homem. Devem limitar-se, portanto, aos espaços privados. A elas é reservado o ambiente doméstico, os cuidados com o esposo, a educação dos filhos e mais algumas atribuições costumeiras e convencionadas pela igreja e por alguns dos pensadores iluministas. Aos homens cabem os espaços públicos, os estudos dos conceitos físico-matemáticos e demais responsabilidades do uso do raciocínio e da razão. Enquanto que as mulheres devem servir à observação, os homens têm a capacidade de desenvolver a razão, pois é deles a força intelectual que leva à verdade, cujas ferramentas são a observação e a experimentação. As mulheres eram, de certa forma, confinadas em espaços privados, para conter as supostas frivolidades e intemperanças. A função feminina era cuidar das lides do piano, da costura e do alimento, sem, contudo, usufruir dos direitos políticos que foram conquistados ao longo da história para atender os

homens.¹³⁰

Esses são alguns posicionamentos da Igreja, descritos no periódico, que atribuem à mulher a condição da “menoridade social”, qual seja, a impossibilidade de intervir em questões relacionadas à sua soberania, cidadania e capacidade de atuar política e civilmente, restando-lhe as experiências de viver uma vida simples e romântica, sem os condicionantes da crítica, do pensar e do agir por si.

Os jornais também tratavam de doutrinar a respeito das moralidades públicas. Costumeiramente, nos assuntos dos periódicos há conteúdos a respeito do comportamento de gente considerada despudorada, o que incomodava alguns moradores da capital. Em tópico intitulado: “Louca ou ebria habitual”, uma mulher foi representada como a causadora de atenções ofensivas,

A' rua 13 de Junho, principal arteria da cidade, reside, a titulo de protegida, em companhia de uma familia, na casa n.º. 59, uma tal Ritinha, que pelos seus costumes desregados, ha muito devia estar trancafiada em um dos cubiculos da Cadeia Publica. Como louca ou como ebria habitual, Ritinha, mulher immoral, ofende todos os transeuntes com palavras que fazem arrepiar os cabelos. Nenhum dos leitores que por alli passam, terá deixado, sem duvida, de assistir uma dessas scenas indecorosas que a referida mulher ha por bem offerecer aos olhos do publico. Os visinhos daquellas immediações vêem-se privados de sahir á janella quando Ritinha se põe a arengar. Chamamos a atenção de quem de direito para, a bem da moralidade, providenciar retirada daquella mulher licenciosa, da rua a que acima reportamos. (A Juventude, 8 set. 1917, p. 4).

Os espaços das ruas da cidade também precisavam de ordem e disciplina, especialmente naqueles assuntos que vinham atender às boas

130 Sobre esse assunto, ler: GODINEUA, Dominique. A mulher. In: VOVELLE, Michel. **O homem do Iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 310-333.

maneiras do viver urbano das crianças da capital. O jogo era, para alguns, um péssimo hábito. Quando não combatido por pais desatentos, haveria nas ruas da capital mato-grossense pequenos travessos a causar inquietação aos respeitáveis conversores cristãos. Na narrativa do periódico, com o título “Mais jogos”, foi descrito que:

Em um dos numeros passado nós chamamos a atenção da Policia sobre crianças que passam jogando “cinquinho” durante todo o dia no 2º Districto, ninguem ouvio e, si tivessesmos falla-do que Fulano tinha virado todos teriam tomado energicas providencias. Será possivel que paes de filhos não se importem com a educação dos seus amantissimos productos? E’ o que pergun-tamos porque o mal alastrou-se por toda a cida-de e a gente não pode dobrar uma esquina que não encontre logo turmas de criança de 6 annos jogando o “cinquinho”. E’ uma lastima.

Os paes levam a vida ou jogando ou politican-do e os filhos ou jogando ou roubando. E’ triste, mas é a pura verdade. Não estará, nesse an-dar, tão longe o dia de Calabria e o de Monte-Carlo. Não fallemos na cachaça que quasi pela maior parte da criançada desta epocha é muito conhecida e apreciada, sendo que já até cons-truíram um ditado, e é: ‘Bom que só a cachaça do José Viegas’. Em dias da semana passada nós prezenciamos um pequeno de 8 annos for-çando um companheiro de 6 a fumar um charu-to “guarany”. Serão homens dos quaes a patria tirará grandes proveitos; criados no jogo, bebendo cachaça e fumando guarany. Antes, melhor, comerem terra! Paes desnaturados. (A Juventude, 16 out. 1917, p. 2).

Nos jornais também eram publicados artigos tratando da pro-teção às crianças, apontando a responsabilidade do Estado quanto a isso. Em Cuiabá, esse assunto moveu ações políticas que pretendiam resolver o problema do desamparo dos órfãos. Em matéria intitulada “Repressão à vadiagem”, o assunto é esclarecedor:

Tem sido preocupação de quasi todos os governos nos ultimos tempos, a organização de um serviço de protecção á infancia, como sendo o mais practico de reprimir a vadiagem, que leva ás infelizes creanças, quasi sempre, á senda do crime. Na França, na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos, principalmente, as estatisticas têm demonstrado a baixa do numero dos criminosos, desde que os governos desses paises tomaram a serio a solução desse difficilimo e importante problema.

Entre nós, é bem conhecido o resultado brilhante obtido pelo dr. João Pinheiro, quando presidente do Estado de Minas, fundando os institutos de protecção á infancia, recolhendo das ruas os menores desamparados para collocal-os sob o tecto sadio de uma officina. Hoje, a instituição de João Pinheiro está sendo adoptada por quasi todos os Estados do Brazil, como Bahia, Espirito Santo, S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, obtendo em todos elles os mesmos resultados.

A situação precaria que atravesamos, não permitirá ao governo, actualmente, cogitar da fundação de taes institutos (sic.). Pode-se porém, desde já, cuidar, cuidar de organizar um serviço de protecção, por intermedio das autoridades policiaes, obrigando se aos paes desses menores que infestam as nossas ruas, em correrias desenfreadas, invadindo os jardins, que danificam, commettendo toda sorte de vadiagem, a mettel-os nas escolas, onde encontrarão o pão do espirito e os meios de se prepararem para as luctas da vida. O dr. Nilo Peçanha, quando na presidencia da Republica, teve um gesto nobre creando nos Estados as escolas profissionaes, no intuito de proteger a infancia, formando bons operarios, bons cidadãos, honrados chefes de familias. Cuyabá é dotada de um desses institutos: a Escola de Aprendizes Artifices, hoje sob a direcção competente do laborioso sr. tenente

coronel Avelino de Siqueira. (Diário da Tarde, 1915, p. 3).

As práticas ditadas pelas noções da beneficência e/ou seus discursos são ambivalentes quando analisados e interpretados à luz das intenções daqueles objetivos que têm a função de controlar, disciplinar, construir novos conceitos de trabalho e de saberes, como tratou Michel Foucault (1987) na obra *Vigiar e Punir: o nascimento das prisões*.

Era preciso lançar-se à tarefa de socorrer os desgraçados, criando asilos e orfanatos, sanando a mendicância e controlando a desordem das ruas. Da mesma forma, foi preciso isolar os infelizes, proteger a sociedade dos pestilentos, dos malcriados, dos vagabundos, dos loucos. A secularização do mundo e do homem pedia que os mais favorecidos dessem atenção à ideia da beneficência, dando esperanças ao menos afortunados e reduzindo-lhes o sofrimento. Cabia à educação pública e laica os progressos da sociedade no sentido de readequar o comportamento social e impor as iniciativas do domínio das paixões humanas, da falta de moralidade, dos bons modos e dos bons costumes.

Algumas consequências

Com base na leitura desses documentos, verificou-se que o jornal católico *A Cruz* influenciou diversos campos do conhecimento na sociedade cuiabana durante os anos da Primeira República. O periódico teve como principal característica a determinação em disciplinar os transgressores da face marginal, categorizando-os como sujeitos de má índole, com base em suas representações sociais. O jornal significou um condutor das linhas de força das moralidades e dos comportamentos, discutindo novas práticas de sociabilidade e de urbanidade.

Tânia Regina de Luca (2006) define os periódicos como fontes expressivas que fornecem preciosos dados sobre os acontecimentos cotidianos da cidade, relevantes para os estudos da política, sociedade e cultura material e imaterial do viver urbano de uma sociedade. Os discursos disciplinares observados nos periódicos são mostras das correntes ideológicas da época, assim, pode-se compreender parte dos valores sociais que compunham o pensamento dos homens e mulheres que moraram na cidade de Cuiabá durante a Primeira República, valores estes que serão propagados

e utilizados pelos agentes civilizadores para apontar e disciplinar as transgressões dos sujeitos.

A narrativa do jornal cumpria o objetivo de atender e exercer o papel de vigia moral dos mato-grossenses. Compreende-se que muitos assuntos são postos no jornal com a intenção de inferiorizar práticas religiosas que não atendiam àquela do cristianismo e estereotipar aqueles que diziam ter suas experiências espirituais com mensageiros do além. Entende-se que os sujeitos do jornal *A Cruz* construíram um enredo de representações sociais, de maneira a inferiorizar os que não congregavam da sua fé e de denegri-los à condição de insanos, conforme Chartier (1990).

A dinâmica do real entendida pelos católicos desse período foi capaz de transformar seus discursos em práticas sociais. Por meio de seus escritos, o grupo católico do jornal *A Cruz* apropriou-se do poder de coagir, estabelecendo domínio discursivo sobre os métodos religiosos dos espíritas e promovendo censuras a esse novo modo de entender a transcendência da alma. Como também empreendeu esforços para tornar as mulheres cuiabanas companheiras e mães sabedoras de seus ofícios. Nada foi escrito no jornal *A Cruz* que ativasse o empenho político das mulheres em lutar pelos seus direitos políticos, profissionais e civis. Ao contrário, nos discursos dos católicos, as mulheres continuavam excluídas dos espaços de poder e a elas eram reservados um lugar inferior nos ambientes sociais. O discurso predominante da Igreja foi o de relegá-las às margens do saber e da produção, visto que a mulher, quando bem ilustrada, tornava-se intolerante, perversa, desenfreada, exaltada e soberba, por consequência, rabugenta e solteirona, sem os caprichos de sua natureza maternal: a de ser amiga e ama do marido.

Nessa perspectiva, é ainda importante frisar que os católicos usaram imagens negativas dos espíritas e trataram de cristalizar um modo expressivo de atribuir ao espiritismo uma das causas da insanidade, além de propagar um padrão de conduta feminino e de expressar com categoria o comportamento dos cuiabanos no espelho das ideias Republicanas.

REFERÊNCIAS

A CRUZ: Orgão da Liga Social Catholica Brasileira de Matto Grosso. Cuiabá, ano I, n. 1, 15 maio 1910.

A CRUZ. Cuiabá, ano I, n. 2, 1 jun. 1910.

A CRUZ. Cuiabá, ano I, n. 3, 15 jun. 1910.

A CRUZ. Cuiabá, ano I, n. 4, 15 jul. 1910.

A CRUZ. Cuiabá, ano I, n. 7, 15 ago. 1910.

A CRUZ. Cuiabá, ano II, n. 19, 15 fev. 1911.

A CRUZ. Cuiabá, ano II, n. 27, 9 jul. 1911.

A CRUZ. Cuiabá, ano II, n. 54, 17 dez. 1911.

A JUVENTUDE: Periodico literario, critico, sportivo e noticioso. Cuiabá, ano I, n. 34, 8 set. 1917. NDIHR, Caixa 024, p. 01-A. Jornais Diversos, Envelope: A Juventude – Cuyabá – 1916-1917.

A JUVENTUDE. Cuiabá, ano I, n. 39, 16 out. 1917. NDIHR, Caixa 024, p. 01-A. Jornais Diversos, Envelope: A Juventude – Cuyabá – 1916-1917.

CANAVARROS, Otávio. **Leitura na imprensa cuiabana: o caso de “A Cruz” (1910-1940)**, p. 1. 5º Seminário sobre mídia e imprensa. Cuiabá: UFMT. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss16_05.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245 p. (Coleção Memória e Sociedade).

DIARIO DA TARDE: Orgão independente e noticioso. Cuiabá,

ano I, n. 3, 26 fev. 1915.

FALCON, Francisco José Calazans. **Iluminismo**. São Paulo: Ática, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-150.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico**. Campinas, SP: UNICAMP, 1994

MORAES, Sibeles. **O episcopado de D. Luiz D'Amour (1878-1921)**. 2003. 141 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2003.